RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 03/02/2019.

CAROLINA VILLANOVA HEGUEDUSCH

DEPRESSÃO E CIDADE:

pare o mundo que eu quero descer!

ASSIS

2017

CAROLINA VILLANOVA HEGUEDUSCH

DEPRESSÃO E CIDADE:
pare o mundo que eu quero descer!

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestra em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador(a): Prof. Dr. José Sterza Justo

Co-Orientador(a): Prof. Dr. José Artur Molina

Bolsista: CAPES

ASSIS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

H464d

Heguedusch, Carolina Villanova
Depressão e cidade: pare o mundo que eu quero descer! / Carolina Villanova Heguedusch. Assis, 2017.
99 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista
Orientador: Dr José Sterza Justo
Co-Orientador: Dr José Artur Molina

1. Subjetividade. 2. Depressão. 3. Cidades e vilas. 4. Melancolia. I. Título.

CDD 152.4

CAROLINA VILLANOVA HEGUEDUSCH

DEPRESSÃO E CIDADE: pare o mundo que eu quero descer!

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em PSICOLOGIA (Área de Conhecimento: PSICOLOGIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 03/02/2017

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. JOSÉ ARTUR MOLINA - UEM/MARINGÁ

Sônia Regina Vargas Mansano

Membros: Profa. Dra. SÔNIA REGINA VARGAS MANSANO - UEL/LONDRINA

Prof. Dr. WALTER JOSÉ MARTINS MIGLIORINI - UNESP/ASSIS

Dedico essa dissertação à Marlene que mesmo ao me deixar na eterna saudade, no seu cuidado e ausência me fez um ser que sofre, ama e vive.

Agradecimentos

À toda minha família, mentira, toda nada. Só eu sei a raiva que passei nos grupos de watsap em tempos de impeachment/golpe. Mas agradeço sinceramente às minhas irmãs Lu e Dea, ao meu cunhado Luis Antônio, meus bebezinhos Bruna, Gabriel e Pedro, minhas razãozinhas de viver.

A meu pai que me ensinou que rir é mesmo um grande remédio. A ele, que me deixou o dom de seguir com leveza a passos firmes, esperar sem (tanto) medo, sorrir no fim e no começo, rir consigo mesmo da beleza trágica que pode ser a vida e que enfim, me ensinou a endurecer sem perder a ternura. Porque chorar e rir ao mesmo tempo é muito autêntico! Sigo seus passos, meu velho amado. Com alguns bons e maus desvios, é claro.

A Artur Molina e José Justo, que como um pai e uma mãe, respectivamente (rsssss), me deram uma linda oportunidade de recomeçar. Com quem eu pude ora contar ora seguir meus próprios passos, na medida certa... num saber pra além de textos, numa grande aventura que não resulta somente nessa dissertação, são passos de uma vida. Vocês são foda!

Aos professores Walter Migliorini e Sonia Mansano pelas sensíveis contribuições não só à dissertação diretamente como também a minha missão de escritora. Aos amigos Paulo Bezerra, Mateus Gruda, Felizardo, Cledione e Rapha Sanches por seus pitacos e conselhos valiosos.

A minha irmã Lulu sete vidas de quem a vida, por bem ou por mal, me fez ser irmã, filha e mãe.

Aos amigos de lá: Lai, Tamis, Camis, Sarita, Charlinhos, Vi, Rod, Ma que serão sempre sempre meus irmãozinhos tão amados que fazem da minha vida tão bonita e recheada de intensidades e memórias. Não paro de amar e de aprender com vocês.

Aos amigos daqui: Tassi, Fabinho, Elisinha, Talita, Laura, Ju Bessa, Dani Mezari, Bruno Joe, Paulinha, Melzinha, Bruno Pereira, Cris, Mateus lindo, que nas alegrias comemorativas e nos desesperos dos prazos e da vida real estavam sempre aí!

A meu amigo William pelas coisas boas e ruins e por toda caminhada de uma vida. Muito ajuda quem não atrapalha... brincadeira baby, hehe!

E é claro, não podia faltar, aos meus lindos e carinhosos companheirinhos(as) que fizeram do meu dia a dia solitário não tão sozinho e que me fizeram entender que a “velha dos gatos” pode manter seu charme e inteligência: Fuzilópi, Juba, Callissi, Jaqueline, Antônio, Aará, Curisco, Francisco, Richard, Saloba, Docinho, Perebinha ad infiituuu... E à minha linda e graciosa cuidadora e amiga que segurou umas barras pra mim: Juju Garcia.

Meus agradecimentos também à sessão técnica da pós-graduação da UNESP por toda assistência cuidadosa. Em especial Marcos, João e Sueli.

À CAPES pelo financiamento do estudo. A contribuição da agência foi fundamental para assegurar a dedicação exclusiva à pesquisa e à formação no mestrado.

Para finalizar, ao dr. Notebook pelo apoio técnico ágil nas horas mais inapropriadas. Porque as máquinas nos abandonam sempre nas horas mais difíceis!

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu.

(Chico Buarque)

Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo tempo tempo tempo
Quando o tempo for propício
Tempo tempo tempo tempo...
De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo tempo tempo tempo
E eu espalhe benefícios

(Caetano Veloso)

HEGUEDUSCH, Carolina Villanova. CIDADE E DEPRESSÃO: pare o mundo que eu quero descer! 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017

RESUMO:

A melancolia é uma antiga companheira da humanidade e por muito tempo foi vista como a *dor de existir*, origem da genialidade e da loucura, essência dos excêntricos, daqueles que não se encaixam nos padrões, daqueles que têm na sua melancolia a fonte de sua criação artística, o impulso que os leva a rechear de sentido àquilo que os bem adaptados mal conseguem enxergar. Da loucura genial dos filósofos antigos à ação da bílis negra, da influência astral de Saturno à acedia cristã, da criação à inibição, a melancolia foi um tema que, desde a antiguidade, instigou a curiosidade investigativa do homem. Assim também acontece com a depressão nos mais diferentes discursos que a colocaram em destaque desde o século XIX, sobretudo, como uma patologia. Em que momento essa *dor de existir* se transformou em doença? Freud ([1930] 1996) referiu-se, certa vez, sobre a felicidade ser derivada de um contraste. Não um estado permanentemente estável e constante. A *dor de existir* pode ter se transformado em déficit por não combinar com os ideais de nossa cultura do desempenho e do bem-estar, disseminados pela modernidade. Os limites entre o que seja uma tristeza decorrente dos descaminhos que são próprios da vida e uma depressão passível de ser medicamentada são muito frágeis. Atualmente, ela é anunciada como o "mal do século" e dados nos mostram que ela está entre as principais causas de comorbidades e afastamento do trabalho, em todo o mundo. Salvo todas as imprecisões possíveis dessa intrincada discussão em torno das definições diagnósticas e das origens das depressões, bem como das intenções ideológicas eventualmente existentes na propagação desses dados, não há como não os levarmos em conta. Independentemente do que se está a chamar de depressão, essa apuração tem algo a nos dizer. O objetivo desse trabalho é investigar as relações da depressão com a experiência de compressão do tempo e espaço, típica da atualidade. Para tanto, recorremos à intertextualidade para compor uma análise polifônica da depressão apoiada em autores e teorias de diferentes áreas do conhecimento. A tese é a de que a aceleração objetiva promove uma desaceleração subjetiva, ou seja, a experiência do turbilhão da vida citadina resulta num esvaziamento dos processos de subjetivações, trazendo consigo sofrimentos vividos como a experiência da perda de sentido da existência. Não somente no universo científico, mas também na mídia, predomina o discurso médico-biológico que atribui à depressão uma determinação fisiológica-orgânica dissociada de qualquer injunção psicossocial. Independentemente de predisposições orgânicas, a depressão parece denunciar o esvaziamento do sujeito, esvaziamento da subjetividade e a despotencialização da experiência pela via da aceleração do tempo e pulverização do espaço. A cidade é o *locus* ideal para a produção de tal compressão tempo-espaço e anulação do sujeito ou para a produção da vida nua, vida racionalizada, automatizada e administrada. Mas é desse vazio angustiante citadino, escondido na aparente agitação da cidade, que estão dadas as condições para um exame do contemporâneo que pode, por esse sintoma, apontar saídas e outros caminhos, outras espacialidades e temporalidades da vida urbana.

Palavras-Chave: Cidade. Depressão. Subjetivação.

HEGUEDUSCH, Carolina Villanova. CITY AND DEPRESSION: stop the world that i watt o go down! 2016. 99 f. Thesis (Masters in Psychology) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017

ABSTRACT:

Melancholy is an old partner of humanity and for very long time it was seen as a *pain of existence*, origin of geniality and madness, essence of eccentrics, of those who don't fit the patterns, of those who their melancholy is the source of artistic creation, the impulse that takes them to fill of sense what the well-adjusted ones barely can see. From genial madness of the ancient philosophers to action of black bile, from the astral influence of Saturn to the Christian accidie, from creation to inhibition, melancholy has been a subject that instigated the human being's investigative curiosity since antiquity. The same thing happens with depression through the most different discourses that have highlighted it since the 19th century, comprehending depression mostly as pathology. In what moment that *pain of existence* turned to a disease? Freud ([1930] 1996) asserted once about happiness being derivative of a contrast. In other words, it is not a permanently and constant state. *Pain of existence* can be transformed in a deficit because it doesn't combine with the cultural ideals of performance and well-being that are widespread by Modernity. The boundary between a sadness caused by difficulties in life and a depression that can be medicated is too delicate. Nowadays, depression is announced as "the greatest evil of the century" and data show that it is among the main causes of comorbidities and take off from work around the whole world. Despite of all the possible inaccuracies of this complicated discussion about the diagnostics definitions and origins of depressions, as well as the ideological intentions that eventually exist in the transmission of those data, we cannot ignore them. Independently of what is being called depression, this debate has something to say about the topic. The goal of this research study is investigating the relationships between depression and time-space's compression experience. Therefore, we use interterxtuality to compose a polyphonic analysis of depression supported by authors and theories from different knowledge areas. The thesis is the objective acceleration promotes a subjective deceleration, meaning that the busy experience of the urban-life results in a deflation of the subjectivation processes, bringing with it the sufferings lived such as an existence that lost its sense. Not only in the scientific universe, but also in mass media, the medical-biological discourse that assigns to depression a physiological-organic determination, dissociated of any psycho-social injunction, is dominant. Independently of the organics predispositions, depression seems to denounce the emptying of subject, the emptying of subjectivity and the potentiality decrease of experience through acceleration of time and pulverisation of space. The city is the ideal *locus* for the production of such time-space compression and subject annulment or for producing the naked life, rationalised, automated and managed life. But in this distressful empty city lifestyle, hidden within the apparent agitation of the city, is given the conditions for an exam of the contemporary that, because of this symptom, can show the ways out and other paths, other spaces and temporalities of urban life.

KEY-WORDS: City. Depression. Subjectivation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10

1.1- Epidemia depressiva 10
1.2- A depressão não existe 11

2. Apontamentos Metodológicos 17

3. Intertextualidade entre Psicanálise e Ciências Sociais 25

3.1- A noção de sujeito 27
3.2- A noção de sintoma 29

4. Cidade e Subjetivação 32

4.1- É a cidade somente o concreto? 32
4.2- Psicologia e cidade 37
4.3- Subjetivação e cidade: a temporalidade da vida citadina 40
4.4- Subjetivação e cidade: ausência da experiência 41
4.5- Subjetivação e cidade: uma nova comunicação 46
4.6- Concreto, aço e vidro: inconsciente e poesia! 51

5. Depressão 55

5.1- Da melancolia à depressão 55
5.2- Dois grandes paradigmas 57
5.3- É transtorno de Humor ou tristeza? 61
5.4- Revisitando *Luto e Melancolia* 64
5.5- Depressão na atualidade 65
5.5.1- A hipótese da depressão enquanto estrutura 66
5.5.2- A hipótese da depressão enquanto metáfora do psiquismo 69
5.5.3- Ausência, inibição e dor moral: diálogos possíveis 74

6. Concluindo... Cidade e desaceleração subjetiva: uma experiência do vazio 78

REFERÊNCIAS 91

1. INTRODUÇÃO

1.1 – Epidemia depressiva (ou a famigerada depressão)

> *O sofrimento psíquico manifesta-se atualmente sob a forma da depressão. Atingindo no corpo e na alma por essa estranha síndrome em que se misturam a tristeza e a apatia, a busca de identidade e o culto de si mesmo, o homem deprimido não acredita mais na validade de nenhuma terapia. No entanto, antes de rejeitar todos os tratamentos, ele busca desesperadamente vencer o vazio de seu desejo [...] sem se dar tempo de refletir sobre a origem da sua infelicidade. Aliás, ele já não tem tempo para nada, à medida que se alongam o tempo de vida do lazer, o tempo do desemprego e do tédio. O indivíduo depressivo sofre ainda mais com as liberdades conquistadas por já não saber como utilizá-las* (ROUDINESCO, 2000, p.13).

É desse modo que Roudinesco inicia seu texto *A sociedade depressiva* (2000). É comum, hoje em dia, escutarmos expressões como "a depressão é o mal do século" ou "estamos vivendo a era das depressões". Podemos até, ponderadamente, afirmar que todas as pessoas, nos mais diversos lugares do mundo, já testemunharam, em algum aspecto, por menor que pareça, a depressão. Seja na avaliação recebida por algum amigo, colega de trabalho, ou familiar, ou em uma reportagem de televisão, uma personagem de filme ou de livro, uma manchete de revista estampada na banca, uma conversa cotidiana, uma leitura de autoajuda, etc. É comum dizer estarmos deprimidos no cotidiano fatigante, nas frustrações correntes, nas tristezas habituais. Dizemos isso quando nos sentimos cansados de enfrentar nossas pequenas lutas diárias, ou, mais além, quando sentimos um desencantamento, uma sensação de que tudo a nossa volta perdeu o sentido, e de que viver é esperar, e esperar é torturante porque o futuro parece oco. Ou então, quando se pergunta para alguém "e aí, como você está? e ele responde "estou bem, mudei de remédio!". Há nesses enunciados, nesse saber compartilhado, muita veracidade.

Em Outubro de 2012, a Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou um documento informando que, atualmente, a depressão afeta mais de 350 milhões de pessoas em todo o mundo, estando entre as principais causas de incapacitação. Por esse motivo, o título *A depressão, uma crise mundial* foi o tema do Dia Mundial da Saúde Mental, em 2012. O referido documento da OMS aponta, que há indícios de que em 2020 ela alcançará o segundo lugar dentre essas causas, perdendo somente para a cardiopatia isquêmica, e que, em 2030, será o fator mais associado a comorbidades em todo o mundo (OMS, 2012). No Brasil, segundo dados do Dataprev de 2009, a depressão está entre as três principais causas de afastamento do trabalho,

perdendo somente para lesões provocadas em serviço e por doenças (osteomusculares) relacionadas às atividades laborais desempenhadas (JARDIM, 2011)

Esses relatórios evidenciam que a depressão tem se tornado uma grande preocupação mundial, uma questão de saúde pública, principalmente quando passa a mostrar suas despesas e prejuízos à tão cara cultura da produtividade. Não é à toa que a ONU publicou, no início desse ano, um estudo realizado junto ao Banco Mundial, que afirma que a depressão e a ansiedade custam à economia global 1 trilhão de dólares por ano. A matéria divulga também que a cada dólar investido tem-se um retorno de quatro, atestando os benefícios econômicos de se investir em serviços de saúde mental que representam, em média, três por cento do orçamento dos governos (ONUBR, 2016).

Não nos faltam dados que cientificam, ao colocar em números, aquilo que suspeitávamos sem descartar a hipótese de que todo esse discurso social em torno da depressão possa estar intimamente relacionado a tais "confirmações estatísticas". Esse universo é complexo demais para o entendermos com base na relação causa-consequência. Devem ser levadas em conta todas as imprecisões possíveis dessa intrincada discussão em torno das definições diagnósticas e das origens das depressões, bem como as intenções ideológicas eventualmente existentes na propagação desses materiais. Independentemente do que será aqui chamado de depressão, essa apuração tem algo a nos dizer.

Não é sem efeito que a depressão se coloca hoje como um grande enunciado na nossa vida social e de modo geral bastante presente nos meios de comunicação, nas conversas cotidianas, na literatura e nas artes, nos livros de autoajuda, nas discussões de políticas públicas de saúde, tal como ocorre na produção científica.

6. CONCLUINDO... Cidade e desaceleração subjetiva: uma experiência do vazio.

Eu quero uma licença de dormir,
perdão pra descansar horas a fio,
sem ao menos sonhar
a leve palha de um pequeno sonho.
Quero o que antes da vida
foi o sono profundo das espécies,
a graça de um estado.
Semente.
Muito mais que raízes.
(EXAUSTO, de Adélia Prado)

Esse último capítulo destina-se à conclusão. A conclusão tem algo de certeiro, de junção, de tentativa de correlacionar ideias e argumentos que ficaram soltos em uma espécie de *todo* coeso, sem com isso fechar em um entendimento único e totalizante mas talvez, possível e provisório. Concluir é quase um descansar de todas as agitações afloradas no decorrer do texto. Decantar. Em especial nesse trabalho, em que entre os vários desafios, talvez esse seja um dos mais trabalhosos. Isso porque, no decorrer da leitura fica evidente certa distância entre os dois principais capítulos que traçam os dois eixos temáticos: cidade e depressão. Essa distância se vê não somente no conteúdo de cada um deles mas também, no ritmo que eles transcorreram. Como dois rios que manam em espaços e tempos diferentes. Um mais corrente, espontâneo, fácil. O outro aos trancos e barrancos, corpulento e carregado. Aqui se espera a confluência, o encontro, um entrelaçamento de sentidos, mas que não cessa o movimento, porque continua a correr.

Cidade e depressão. Quando pronunciamos essas duas palavras afloram na nossa produção imaginária várias conexões, parece quase obvia essa relação, mas não clara. Escrever sobre essa relação num trabalho teórico interdisciplinar é muito complicado. Por isso, preferimos falar de uma relação e não da relação. Como já foi dito em outros momentos do texto, o que se procura aqui é levantar um trajeto entre os possíveis. Principalmente porque são, podemos assim dizer, categorias bastante distantes, não há um caminho aparente para dialogar depressão e cidade. Por isso também, entendemos que a interdisciplinaridade deveria ser inevitavelmente convocada. Mantendo sempre a vista o tema central, que seja depressão e cidade, buscamos na infinidade de autores e obras que tratam de um ou outro, de aspectos de um ou outro, alguns autores e obras de diferentes campos de conhecimento na tentativa de percorrer um caminho em que esses autores conversassem, fazendo emergir essa ligação. A escolha de um ou outro autor obedeceu a diferentes critérios desde a relevância deste ao tema

tratado, de associações onde uma leitura acaba levando à outra, até afinidade teórica ou simples preferência por tal autor.

A preocupação com essa dificuldade de aproximação de temas distintos resulta também na comunicação a que todo texto pretende fazer. Escrevemos aqui para que um outro leia e compreenda e tire daí um entendimento que seja ao mesmo tempo singular e compartilhado. Nesse sentido, entendemos que a interdisciplinaridade tem aí uma virtude de fazer manter uma qualidade textual que seja mais perspicaz e interessante sem perder de vista consistência e profundidade de pensamento. Por outro lado, a tarefa do leitor nesse trabalho em específico pode se tornar mais delicada, porque ao escritor a coesão parece mais evidente, um todo é reconhecível, já que foi ele quem compôs o trabalho, já para o leitor a apreensão desse todo coerente pode se perder. Como já dissemos a conclusão tem esse objetivo, costurar algumas linhas soltas, não todas evidentemente, mas o que for cabível, pertinente e agradável.

Já se torna preciso então dizer dos desafios da interdisciplinaridade. Tem-se por ela uma noção quase de senso comum, num tom quase óbvio. Mas o que é operar a interdisciplinaridade? Produzir segundo a interdisciplinaridade ou mesmo sustentá-la na escrita é um tanto quanto problemático. Isso porque ela é um terreno ainda vago e confuso. Nas suas várias definições, como foi colocado lá no início do trabalho, ela apresenta diferentes significados, funcionamentos e funções. O mais interessante do uso da interdisciplinaridade nessa pesquisa é que ela nos possibilita a leitura de diferentes pontos de vista sem perder o tema de foco. O problema principal é que sendo um trabalho teórico, ele já carrega, a princípio, a dificuldade de não ter interlocutores da realidade presente, ou seja, demandas vivas surgidas numa pesquisa de campo e que ajudam no traçado de rotas de leituras e escritas de uma dissertação. Esse problema se intensifica por tratar-se de uma pesquisa teórica que se pretende interdisciplinar, o que exigiria talvez, uma maturidade e profundidade intelectual, muitas vezes, não compatível com a produção de uma dissertação de mestrado. Nesse caso, precisamos derivar leituras de outras leituras, num campo quase infinito.

Por isso mesmo, peço licença ao leitor para escrever essa última parte do trabalho num tom mais livre e pessoal, como um ensaio. Um professor disse-me que o método dessa pesquisa parece ser o *transitar nas fronteiras*. Fronteira é uma palavra de muitas definições, mas o mais curioso é que suas definições são, por vezes, contrárias e, entre essas, procuro encontrar onde mais se situa esse trabalho. Ou melhor, até onde ele pode ir. Nos limites assustados que separam um extremo do outro? No espaço ou no estado do contato entres esses limites? Ou ainda na guarda armada a escoltar esses limites? Acredito que do terceiro lugar aqui nomeado é de onde procuramos escapar, na medida em que nos servimos das brechas que as rupturas e revoluções

das ciências nos parecem autorizar. Agora, transitar nos limites e nos espaços entre um limite e outro é um tanto incerto e complicado, no entanto é isso que tentamos fazer nesse trabalho. Ao passo que, ao mesmo tempo, como o próprio professor nos atentou, ao assumir essa empreitada nos dispomos de uma liberdade maior, até mesmo em cruzar fronteiras não muito recomendadas. Por esse motivo que ele considerou que esse trabalho também versa sobre as fronteiras da ciência, mesmo que de maneira bem comedida, na medida em que o próprio tema reivindicou essa condição.

Esse então, é o momento de tentar operar também o que colocamos como intertextualidade. Costurar um texto novo a partir dos argumentos e ideias levantadas durante esse trajeto. Trouxemos sim uma amplitude nos dois capítulos temáticos que não necessariamente retomaremos agora. Mesmo porque, no início de uma aventura não se sabe ao certo aonde se quer chegar. Mas acreditamos na importância desse trajeto. Nas retomadas históricas e/ou bibliográficas.

Bem, primeiramente é preciso mais uma vez fazer a ressalva que nesse diálogo depressão e cidade não procuramos definir depressão num tom uníssono. Mesmo porque, como pudemos perceber durante as retomadas históricas e dos paradigmas que tratam desse termo, de fato não existe um discurso ou uma definição total para o que seja depressão. Como já dissemos, estamos bem longe de buscar entendê-la a partir de uma categoria nosográfica. Pensamos que as definições clínicas em torno dela, sejam médicas ou psicológicas, a partir de conjunto de sintomas limitam nosso horizonte de percepção, isso se levarmos em conta o que pretendemos nesse diálogo. No entanto, entramos aqui numa dimensão um tanto quanto problemática. Isso porque quando afirmamos que não existe uma definição única sobre a ideia de depressão isso não quer dizer que não hajam várias tentativas. No decorrer do trabalho, ora negamos uma definição de depressão, ora usamos definições de autores por nós escolhidos e ora, ainda, a tratamos com uma espécie de invenção, um nome para diferentes fenômenos que sempre existiram em outros termos. Pensamos que uma questão não necessariamente anule a outra.

Caso fôssemos traçar um eixo para essa pesquisa, esse seria: cidade-depressão-tempo-subjetivação. Sendo assim, nesse eixo, julgamos que o pensamento de Fédida acerca da depressão é o mais oportuno. Apesar de já termos colocado que tal pensamento é quase inapreensível, no sentido mesmo que não há meios de delinear uma definição exata, a questão central da depressão para Fedida está em compreendê-la como um fenômeno. Por sua vez, esse fenômeno é tratado a partir de sua temporalidade própria e na relação dessa temporalidade com a do próprio psiquismo. Acreditamos que essa maneira de olhar a depressão pode ser uma conexão com o que vínhamos trazendo à respeito da discussão da subjetivação na cidade. Mais

uma vez, é importante dizer que o cuidado aqui é parte do receio de cairmos nas armadilhas de um raciocínio causal impróprio. Mas já foi observado também que estamos a relacionar dois temas de localidades científicas um tanto distantes por meio de uma metodologia que já se ressalva de alguns critérios mais fixos. Além disso, Fédida nos abre uma brecha quando informa a seus leitores que trabalha com conceitos em aberto, ou seja, não com definições puras mas com conceitos que operam como funções. Por essa mobilidade presente na sua noção de depressão, apesar de nascer da sua prática clínica, acreditamos sermos autorizados a compor um diálogo mais proveitosos com os autores que trouxemos para pensar a cidade.

Mas, voltando ao pressuposto da depressão enquanto uma *invenção*, alguns teóricos de campos de conhecimento diferente podem nos sinalizar um horizonte. Numa pergunta feita à Colette Soler (2009) a respeito da associação da depressão como um sintoma social contemporâneo, ela responde da seguinte maneira:

> De fato, a noção de depressão, tão em voga hoje, é mal constituída: muito vaga, um saco de gatos no qual são colocadas coisas bem heterogêneas; e considerada, além disso, como uma doença. Para um sujeito afligido ou desencorajado por um fracasso, abatido por um luto ou que se sente à margem da competição mercantil, da corrida pelo sucesso – aquele na qual a solidão tinge-se de tristeza, que se deixa abalar pelo golpe do tempo que passa, etc –, anuncia-se desde então que ele está... doente! Vejam a imagem do humano que se perfila por trás desse diagnóstico, montado, além disso, pelos laboratórios farmacêuticos: é o homem-robô que os avatares da vida deixariam impávido. Melhor dizer: indiferente a tudo, todo ocupado com sua ascensão promocional e com sua marcha adiante. Você tem razão, são sintomas, isto é, respostas dos sujeitos aos males que se multiplicam no novo século. Tratá-los como doenças é subtrair-lhes todo o valor de verdade e operar uma segregação implícita entre aquilo que seria são e o que não seria (p.190).

Tem-se, hoje em dia, a sensação de vivermos sob os mandamentos da alegria e da euforia. Por todos os lados somos alvejados pelos signos do bem-estar e do desempenho individual. As normas sociais impelem ao bom humor, à jovialidade, ao divertimento, à distração, à despreocupação, à atividade. Mas mesmo assim, nossa sociedade é inundada pelo cansaço, abatimento, tédio e depressão. Esses podem ser respostas a esses imperativos. Um sentimento de exaustão frente a busca por ideais inatingíveis.

Sociedade da autonomia do sociólogo Alain Eherenberg, sociedade humorística do filósofo Gilles Lipovetsky e sociedade depressiva da historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco. O que esses autores, de diferentes campos do conhecimento, apontam em comum em suas análises do social e que pode somar no nosso entendimento sobre o fenômeno da

depressão? Os três, cada um a seu modo e cada um direcionando nos aspectos que mais consideram, vão desenhar um horizonte apagado, esmorecido, dessubstancializado. Mas sobretudo ambivalente. Isso porque, em suas leituras também percebemos uma sociedade de excessos. Excessos que esgota, que exauri. Uma hiperatividade esvaziada. Por exemplo, como a sociedade da evitação do sofrimento pode ser a mesma sociedade depressiva? (ROUDINESCO, 2000).

A resposta pode ser justamente essa. Passamos da era do confronto e do conflito para o da evitação. O interessante na análise de Roudinesco (2000) é que ela não se baseia no aumento do número de diagnósticos ou de prescrições de antidepressivos. A sua ideia de sociedade depressiva carrega uma mudança de paradigma social. Uma sociedade da normalização, que não consegue falar de seu sofrimento, tão pouco assumí-lo. Esse novo paradigma apoia-se na produção de um modo de vida apático e infeliz, daquele que vai seguindo a vida sem parar, sem conflito mas sem emoções. “A violência da calmaria, às vezes, é mais terrível do que a travessia das tempestades” (ROUDINESCO, 2000, p.17). O sujeito contemporâneo vive uma espécie de esgotamento pela evitação das suas paixões.

Nisso reside também, colocando a grosso modo, o que convencionamos a chamar medicalização da vida. Interessante que num dado momento de seu texto, Roudinesco (2000) traz um depoimento de um dos inventores dos psicotrópicos e ele diz algo em torno disso: a realidade é insuportável principalmente nas grandes cidades, sentimos angústias, não conseguimos dormir, por isso precisamos dos remédios, talvez, sem eles, alguma mudança maior poderia ter acontecido ou talvez, nem teríamos chegado até aqui! De fato, numa vida, muitas vezes, a medicalização é a saída que se tem. É um mecanismo que comporta nosso tempo, ou a falta dele. Mesmo porque, como disse Pelbart (2013) à respeito dos animais de Kafka, a liberdade é encontrar uma saída. Ela não parece ser uma conquista efetiva, parece durar um instante de passagem, assim que encontramos uma saída já estamos a procurar outra.

Ehrenberg (2004) também buscará compreender o que ele chama de sucesso social da depressão. No seu entendimento, a depressão disseminada como “mal do século” serve à nomear muitos dos impasses e problemas que a pessoa pode passar ao longo de sua vida. Esses obstáculos e sofrimentos resultam dos fracassos em seguir essa nova norma social que ele chama de autonomia. Isso não quer dizer que passamos para uma sociedade de sujeitos mais autônomos, mas que tudo se baseia em ações pessoais individualizadas. A autonomia é a nova disciplina. Do conflito para insuficiência, nisso reside para ele a depressão como um sintoma social.

Lipovetsky (2005), a seu modo, fala de uma generalização do código humorístico. Esse código aparente nas mídias, publicidade, informação se estende às nossas significações diárias, da cultura ao político. Mas esse humor está longe de ser crítico ou mordaz, longe de ser uma ferramenta pessoal ou coletiva em lidar com a "delicadeza do desespero" (p.131). Esse humor contemporâneo é dessubstancializado assim como são o mundo subjetivo e intersubjetivo. Tem como única função "criar uma atmosfera eufórica do bom-humor" (p.131). O que ele chama de *banalização relax* (p.147). É um humor que fecha o sujeito em si mesmo, desmotivado, insosso, "tem no seu termo o indivíduo zombiesco, ora cool e apático, ora esvaziado do sentimento de existir" (p.136). Nosso niilismo pós-moderno é sobretudo humorístico. Essa sociedade humorística parece dissolver alteridades, as oposições, a potência da liberdade satírica e nivelar tudo num "estilo descontraído e inofensivo" (p. 130).

O que se percebe é que em todas essas hipóteses desses autores, sobre nossa sociedade atual, a depressão é circunscrita como um déficit. Uma derrota frente aos mandamentos exigentes do bem-estar, da felicidade, do desempenho que, em sua lógica apressada e eficiente, descarta as dimensões de sofrimento e do trágico das experiências de nossas existências.

Trabalhamos, ao longo do capítulo sobre a vida urbana, diferentes aspectos. Mas o aspecto central que elencamos para pensar essa relação subjetivação e cidade é a temporalidade. A temporalidade da vida urbana é uma de suas dimensões mais presente nos discursos sobe ela. Partirmos da noção que a vida na cidade inaugura a velocidade como sua qualidade temporal. Quando falamos dessa relação tempo e espaço, como dissemos anteriormente, estamos nos referindo ao tempo social, ao tempo significado pelas práticas humanas. Por isso também, que optamos, como dissemos anteriormente, por levar em conta a noção de espaço de Milton Santos, por ela trazer essa concepção que une essas categorias de espaço e tempo, de forma que, espaço se diferencie de lugar físico, espaço é algo produzido permanentemente. O espaço é vivo, assim como é a cidade, na relação da paisagem com a vida que ali acontece. Essa noção de espaço é interessante justamente por não partir de um estado fixo, fechado e limitado, não parte de uma concepção pré-existente ou de um tempo estagnado.

A vida numa cidade, numa grande cidade principalmente, parece envolver um misto de sensações. Essas sensações inebriantes: de multidão, de estar a volta de infinitas diferenças, de tempos que convivem, de transformação incessante, foram debatidas por alguns autores modernos que trouxemos no capítulo sobre a cidade. Como Benjamin e Simmel. A cidade mundializada e cidade pertencimento, cidade espetáculo e cidade experiência, da ordem e do caos, parecem signos que, apesar de parecerem opostos, convivem na vida citadina. Tornando-a múltipla e incapturável. Mas um ponto que estabelecemos como oportuno e significativo para

nossa discussão cidade-depressão foi a velocidade a qual estamos sujeitos na vida citadina, que produz uma sensação de descontinuidade e dificulta o espaço da experiência. Essa dificuldade que, como bem disse Olgária Matos (2009), nos deixa num "tempo plasmado no presente", numa espécie de sensação de viscosidade e tédio. Produz um presente esvaziado. Sem prospecção e sem projeção. Um eterno presente, como a filósofa diria.

Pouco tempo depois de *Experiência e Pobreza*, Benjamin amplia aspectos relacionados à sua ideia de experiência. Em um de seus textos então, ele usa a obra de Baudelaire e seus leitores como um modo de análise da modernidade. A partir também da leitura de outros autores, como Freud, ele desenvolve assim, sua ideia de *choque*.

"Baudelaire fala do homem que mergulha na multidão como num reservatório de energia elétrica" (BENJAMIN, 2000, p. 52). Podemos compreender a experiência de *choque* como um tranco de estímulo do qual, naquele momento, o sujeito não consegue assimilar. Benjamin, a princípio, elabora sua noção de *choque* a partir de sua análise das obras artísticas modernas e ao tipo de recepção que ela sugere ao expectador, que agora estaria mais sujeito ao choque do que a contemplação meditativa. O cinema seria o paradigma dessa nova sensibilidade. "Chegou o dia em que o filme correspondeu a uma nova e urgente necessidade de estímulos. No filme a percepção por choques confirma-se como princípio formal" (BENJAMIN, 2000, p.52).

A partir daí, ele estende sua ideia de choque para uma sensibilidade e uma experiência sensorial própria aos habitantes das grandes cidade, como uma nova forma de perceber o mundo. Benjamin considera a poesia de Baudelaire, do qual foi também tradutor para o alemão, como sendo a mais talentosa em captar a vida sujeita a intensidades e caos nas grandes cidades (BENJAMIN, 2000)

> O cinema é a forma de arte correspondente à vida cada vez mais perigosa que levam os contemporâneos. A necessidade de se submeter a efeitos de choque é uma adaptação das pessoas aos perigos que as ameaçam. O filme corresponde a alterações profundas do aparelho de percepção, alterações como as com que se confronta, na sua existência privada, qualquer transeunte no trânsito de uma grande cidade, ou como as que, numa perspectiva histórica, atualmente, qualquer cidadão experimenta (BENJAMIN, 1987a, p.18) Obra de arte na era da reprodutibilidade técnica.

Em sua obra ele vê a íntima relação da experiência do choque com as massas citadinas, a multidão desconcertante. "Baudelaire colocou a experiência do choque no coração de seu

trabalho artístico" (BENJAMIN, 2000, p.40). Por esse motivo que Benjamin entende que sua obra tornou-se um clássico apesar de romper totalmente com a forma da poesia lírica anteriormente vigente e valorizada. Porque Baudelaire captava essa vida citadina a que todos estavam sujeitos e falar dessa experiência de choque poderia significar certo alívio aos seus leitores. Transformava acontecimentos em experiência poética.

> Quem de nós não sonhou, em dias de ambição, com o milagre de uma prosa poética, musical, sem ritmo nem rima, suficientemente flexível e nervosa para saber adaptar-se aos movimentos líricos da alma, às ondulações do sonho, aos sobressaltos da consciência?... Da fermentação das grandes cidades, do crescimento de suas inúmeras relações nasce sobretudo este ideal obsecante (BENJAMIN, 2000, p. 42).

Neste ponto é válido aproximarmos essa noção de *choque* de Benjamin com a ideia do sujeito blasé de Simmel (1973). Este, em 1902, como vimos anteriormente, já traz a ideia da necessidade de diferenciação e singularização do sujeito citadino. Viver na cidade é uma experiência esmagadora para individualidade ao mesmo tempo em que ela abre infinitas possibilidades. A vida citadina parece ser um jogo incessante entre pertencer e diferenciar-se, entre estar de acordo aos ideias e ser especial. A racionalidade torna-se uma estratégia do sujeito em defender-se frente às emoções e confusões despertadas pelo viver na cidade. Espelhar-se nas máquinas, ser mais calculista e objetivo e menos emocional. Impassível diante da comoção, da perplexidade e da desorientação irrompidos no caos urbano. É nesse cenário que Simmel (1973) vai situar o sujeito blasé.

Blasé é descrito como um fenômeno psíquico resultante da intensificação dos estímulos a que se está sujeito no turbilhão citadino. Nisso ele se assemelha ao choque como uma nova forma de sensibilidade moderna. Isso porque a atitude blasé também se define nesses termos. Ela é uma sensibilidade embotada, retraída por conta dessa agitação nervosa não possibilitar o tempo de duração necessário de elaboração entre um acontecimento e outro (SIMMEL, 1973).

Transportando-nos ao campo da psicanálise parece-nos possível visualizar uma noção correspondente à essas vivências típicas da vida citadina do *choque* ou *blasé*: o *trauma*. De modo geral, o trauma descrito por Freud é caracterizado justamente por uma intensidade de excitações excessiva da qual o sujeito não consegue tolerar nem mesmo elaborar psiquicamente. Um transbordamento. Derivada da ideia de traumatismo somático, como uma lesão acidental, ela foi metaforizada para o campo psíquico. Mantendo esse seu aspecto de um acontecimento

brusco que perturba o equilíbrio do sujeito. Podendo resultar assim, numa espécie de inibição ou enfraquecimento dos processos psíquicos (LAPLANCHE, PONTALIS, 2004).

É certo que a ideia de *choque* e de *blasé* parecem configurar uma situação mais permanente, mas ainda mantém seu sentido enquanto causa de uma exposição à uma tônica exterior impossível de ser assimilada. Impossível, por exemplo, de transforma-se em experiência. Não sendo, portando, passível de ser costurada numa narrativa. Esse parece ser o caminho que Birman (2003, 2005) constrói sua reflexão sobre como é delineado o mal-estar na atualidade. Sua hipótese é que de o sujeito contemporâneo não consegue mais transformar sua dor em sofrimento. Essa quantidade intensa de estímulos que irrompe ao sujeito, combinada à ausência de mediadores de simbolização, explode num caos atordoante. Permitindo somente o descarrego pelo corpo e pela ação, em detrimento da linguagem e pensamento. Essa perda de dimensão simbólica determina uma subjetividade que se fecha em si mesma. Na dor não há dimensão de alteridade, ao contrário do sofrer que narra uma experiência. A dor impõe uma passividade. A dor se medica.

Nesse sentido também que Dunker (2012) retoma a perspectiva da Catherine Malabou (apud DUNKER) sobre o que ela conceitua de subjetividade pós-traumática. Para dizer justamente dessa impossibilidade de assimilação ou expressão de sofrimento. A autora usa como metáfora a imagem do zumbi, em que o sujeito parece existir sob um ciclo de ação repetitiva e sem sentido. O autor sugere então um "déficit narrativo generalizado" a partir de sua prática clínica, a esses casos ele fornece o que chama de diagnóstico filosófico: "perda da experiência" (p.231).

Como já foi posto anteriormente, é por esse caminho que compreendemos ou que buscamos operar com a noção de *dessubjetivação*. Ou seja, entendemos aqui a dessubjetivação como um processo de esvaziamento do sujeito, de dessubstancialização.

A discussão em torno desse termo ou conceito não é unívoca. Autores diferentes atribuem-lhe significados diferentes. O que pudemos perceber é que nem sempre ele denota esse sentido desfavorável, vamos dizer assim. Processos de subjetivação e dessubjetivação parecem ocorrer concomitantemente. Por exemplo, Agamben (apud PELBART, 2013), partindo das noções de biopoder e *vida nua*, associa esses processos ao papel do estado moderno (instituições, família, mídia, etc.) em, ao mesmo tempo, diluir identidades clássicas e codificar novas identidades. Nesse caso, se assim podemos dizer, ambos processos parecem servir a um assujeitamento do sujeito. Deleuze (apud PELBART, 2013), por zua vez, partindo do que ele chama de *uma vida*, nos sugere uma possibilidade de potência nesses processos. Visto que, agora, o ponto de vista não é mais do biopoder e sim dessa resistência que ele chama de *uma vida*. Partindo da criação

possível do impessoal, defendendo a ideia de ser sujeito somente em situações estratégicas, o devir pode ser entendido como uma dessubjetivação. Nesse caso, dessubjetivação pode ser mais associado a ideia de dissolvência de identidades fixas.

Retomando mais uma vez, o sentido que adotamos, a princípio, nesse trabalho para dessubjetivação é o de subjetivação esvaziada. Essa vida do excesso produtor de vazio ou de subjetividades exaustas, como coloca Olgária Matos (2009). Essa dificuldade em atribuir sentido e construir histórias em torno da existência. Esse desbotamento da vida e do entorno dela.

Foi também por esse caminho que buscamos compreender a depressão como um fenômeno atual. A depressão como correlata dessa subjetivação esvaziada, para além de um adoecer individual. Como um paradigma de nosso tempo. Não somente um sofrer em si mas um traço das subjetivações contemporâneas.

"Vazio é a vida, vazia é o pensamento" (FÉDIDA, 1999, p.74). Assim começa a fala de uma paciente de Fédida. Fédida (2002) delineia a depressão como um processo de desaparecimento, "é a própria aparência humana que se apaga" (p.10). Na compreensão dos autores que trouxemos, o que falta ao deprimido é a ausência. Falta esse tempo de espera, um tempo de duração que o faça preencher de sentido. A questão do tempo é central à depressão. Os tempos psíquicos do lembrar, projetar, fantasiar encontram-se congelados. Delouya (1999) diz que a depressão é uma "desarticulação subjetiva do tempo" (p. 12). Há a necessidade de transformar a violência em "pausas silenciosas" (p.12).

> Podemos levantar a ideia de que a depressão é um afeto cuja característica seria a alteração do tempo, a perda da comunicação intersubjetiva e, correlativamente, um extraordinário empobrecimento da subjetividade. É verdade que, em geral, a tristeza acompanha o estado deprimido, mas, num certo sentido, ela já representa uma volta ao movimento, uma reanimação da vida. [...] o estado deprimido poderia ser visto, assim como angústia (FÉDIDA, 2002, p.11).

Eu ajo para não sentir o tempo, diz um paciente de Fédida (2002, p.20). *Sinto-me doente da exaustão*, diz o outro (p.22). Nessas falas encontra-se num misto de imobilidade psíquica e hiperatividade. As ações são desconectadas, como se ao agir o sujeito estranhasse a si mesmo. Essa atividade tem o tom de passividade justamente por não ser da ordem de um projeto na duração de um tempo. Por esse lado que, Maria Rita Kehl (2009) diz que o deprimido não

necessariamente é aquele sujeito que não consegue sair da cama, mas há deprimidos fazendo esportes radicais, deprimidos trabalhando na bolsa de valores.

Pode-se dizer que o estado deprimido é da ordem de um vazio. Esse vazio é, portanto, anterior a essa ausência que já é caminho da elaboração. O vazio é da ordem de uma cristalização, de um estancamento. A depressão é entendida aqui como uma interrupção psíquica, uma espécie de adiamento. Um estado de defesa ou de preservação. Um "fechar para balanço". Um repouso como uma forma de proteção a essa intensidade que a velocidade externa faz irromper no sujeito. Por isso dissemos que o deprimido pede tempo. Assim, talvez ele poderia empreender uma fala na dimensão de uma narrativa, uma ação na dimensão de um projeto. Precisa de tempo para criação. Dar sentido ao vivido.

Ao mesmo tempo, esse estado deprimido parece estar mais próximo da depressividade. "A cura do estado deprimido encontra-se na reaquisição de uma capacidade depressiva, ou seja, das potencialidades da vida psíquica (a subjetividade dos tempos, a interioridade, a regulação das excitações...)" (FÉDIDA, 2002, p.97). O deprimido parece encontrar-se à uma porta da saída para a depressividade. Esse afeto glacial, como coloca Fédida (2002), parece comportar um estado de hibernação prestes à retomada da vida.

Num dos trechos de seu livro, Fédida (2002) compara a depressão a uma morte desapercebida, negligenciada. Isso quer dizer que no cerne da depressão se esconde uma dificuldade de perceber mudanças e não se permitir sofrer. "A banalização comum de um vivência de perda é aqui de primeiríssima importância. Não perceber a morte significa negligenciar a percepção das mudanças: é também deixar que os afetos dolorosos sejam encobertos antes que apareçam" (FÉDIDA, 2002, p.87).

Há alguns dias, assistindo ao noticiário, ouvi um psicanalista dizer que na clínica sempre se está a trabalhar o luto. Poderíamos estender isso da clínica para vida. E pensar que essa correria em que vivemos. Essa imposição para sempre estarmos bem, em dia, em forma, satisfeitos e quando não, devemos fazer piada disso, tudo tem que ser leve, *ligth*. Isso tudo nos sugere que vivemos numa cultura com extremas dificuldades em lidar com a perda, com a frustração, com o tempo finito, com o envelhecimento, com a morte. Luto é preenchimento. É criar sentido, é transformação. Luto é riqueza interior, produção de ferramentas para vida. A não efetivação do luto é depressão e vazio. Talvez podemos pensar que essa forma de viver a negar o sofrer e o trágico não nos permita empreender os infinitos lutos a que estamos sujeitos numa vida. Nos colocando a mercê do sentimento deprimido. Da vida desbotada. Amortecida.

Freud (1996), num texto de 1915, *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, fala que "no fundo ninguém crê em sua própria morte" (p.299). Como se tivéssemos de algum modo a

naturalizado ou a inflado de discursos religiosos e crenças para a eliminarmos da vida. Em um outro texto, do mesmo ano, ele divaga sobre a sensação de transitoriedade. Da nossa finitude e das coisas a nossa volta. Ele se espanta que um de seus colegas, passeando por um bosque, não consiga se encantar com nada a sua volta por saber que tudo ali é passageiro, que tudo está destinado a acabar. Isso porque, em sua compreensão, é no efêmero que está a beleza. A evanscência, a transitoriedade engrandece o valor.

No cuidado para não cair nas armadilhas de uma nostalgia. Talvez, essa intensa organização racional do tempo e essas exigências todas a que estamos sujeitos nos tenha distanciado de uma outra relação com o tempo. A pressa mata o tempo. Essa sensação de estar correndo de alguma coisa para chegar não sei aonde. Não precisamos negar a potencialidade da velocidade. Mas, como colocou tão bem Milton Santos (1994), o problema não está na velocidade em si, mas esse tempo veloz fabricado pelo homem não é de todos, não serve para todos. Ela se torna um problema quando se associa à violência de arrastar todos ao mesmo tempo para o mesmo lugar. Essa ideia de vertigem, de ser arrastado por uma velocidade que não nos permite tão pouco observar a paisagem que passa borrada diante de nós, é que o título do trabalho tenta expressar. Um pedido de pausa.

Essa ambivalência de sentidos também está presente na noção de *choque* em Benjamin que trabalhamos há pouco. O problema não é essa sensibilidade que se inaugura com a velocidade imposta na vida citadina. O problema é qual sentido ela está a operar. Assim como acontece também com a ideia de dessubjetivação. O *choque*, a princípio, na primeira aparição em sua obra, carrega um sentido nocivo, dado uma leitura mais pessimista à respeito da modernidade nesse momento de sua produção. *Choque* então, como vimos, se refere à uma impossibilidade do homem moderno em viver experiências que carregue memória, transformação, saber prático, ficando refém de simples vivências massificadas e espontâneas. Num segundo momento de sua obra (*Obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*), Benjamin (1987a) denota um sentido favorável ao *choque*. Nesse, a espontaneidade existente a partir daí, o despregamento que se dá do sujeito em algum nível, o lança a um lugar ainda em aberto, podendo ser vivido como uma sensibilidade revolucionária. Dessubjetivação, como pudemos perceber, também carrega essa ambivalência, sem que um sentido anule o outro. Se, por um lado, ela pode ser compreendida e vivida como uma despotencialização do sujeito, ficando este entregue às demandas externas. Por outro, ela pode significar uma desconstrução a caminho de desestabilizar identidades impostas e uma apropriação de si, uma espécie de resistência portanto.

Na depressão parece também existir essa potência.

> A definição da depressão pela caracterização de seus traços cognitivos e comportamentais deixa, como vimos, completamente de lado aquilo que ela marca de trágico e do que comporta também como poder criativo. Mas essa definição não entraria no espírito de uma ideologia que não se importa com o trágico e que sustenta, ao contrário, a única pertinência que lhe é conveniente – a da oposição entre o deprimido e o performance? (FÉDIDA, 2002, p.180).

Podemos até ousar comparar o deprimido aos homens lentos de Milton Santos (1994). Uma espécie de resistência. De retomada de um tempo que lhes foi roubado. Uma retomada de si. Enxergaríamos assim, a potência contida no estado deprimido. Essa relação da desconstrução, da retirada ou do vazio como um intervalo potente para algo no porvir também está presente nas considerações que tencionamos trazer sobre a depressão nessa discussão. A beleza dessa noção de depressão é que essa paralização parece reservar uma espécie de espera, de restituição de energias de si. Como uma espécie de ponto morto que precede uma marcha de arranque. Esse esvaziamento depressivo correlato da não assunção dos valores de produtividade e desempenho emergentes em nossa cultura pode ser também resistência. Um estado de latência. Restabelecimento de si e de potência criativa. Um estado semente, como disse a poeta.

REFERÊNCIAS

ABREU, Paulo Roberto. Novas relações entre as interpretações funcionais do desamparo aprendido e do modelo comportamental de depressão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 24, n. 4, p. 188-197, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/prc/v24n4/a20v24n4.pdf. Acesso em: ago. 2014.

AGAMBEN, Giorgio. Infância e História: ensaio sobre a destruição da experiência. In: AGAMBEN. *Infância e história:* destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ALBERTI, Sonia. O sujeito entre a psicanálise e a ciência. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 47-63, 2008.

_____ . Sintoma e Política. *Revista Mal-estar e Subjetividade - Fortaleza*, v. XI, n. 1, p. 285 – 307, 2011.

ALVES, Railda; BRASILEIRO, Maria do Carmo E.; BRITO, Suerde M. de O. Interdisciplinaridade: um conceito em construção. *Episteme*, Porto Alegre, n. 19, p. 139-148, 2004.

ARAUJO, Julio Cesar; LOBO-SOUZA, Ana Cristina; Considerações sobre a intertextualidade no hipertexto. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 565-583, 2009.

AROS, Marcelo Salomão. *Produção científica sobre depressão: análise de resumos*. 2008. 81f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências da Vida, Pontífice Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008.

ASKOFARÉ, Sidi; ALBERTI, Sonia. Estrutura e Discurso: problema e questões do diagnóstico. *Revista Affectio Societatis*, Medellín, v. 8, n. 15, 2011.

ASKOFARÉ, Sidi. O sintoma social. In: GOLDBERG, R. (Org.). *Goza! Capitalismo, globalização e psicanálise.* Salvador: Ágalma, 1997. p. 164-189.

AUGÉ, Marc. *Não lugares:* introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. 9.ed. Campinas SP: Papirus, 2012.

AZEVEDO, Álvares de. O poeta moribundo. In: AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos Vinte Anos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BARBOSA, Sonia Regina C. O discurso da ciência e as percepções de profissionais de saúde acerca da depressão no contexto das transformações sócio-ambientais e culturais contemporâneas. *Teoria e Pesquisa Revista Ciências Sociais*, v.17, n.1, p. 97-119, 2008.

BAUDELAIRE, Charles. [1857] *As flores do mal*. apresentação Marcelo Jacques; tradução Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,

2000.

_____. A obra de arte da era da reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN. *Obras escolhidas*: volume 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a, p. 165-197.

_____. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN. *Obras escolhidas*: volume 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a, p. 114-119.

_____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN. *Obras escolhidas*: volume 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987b, p. 197-221.

_____. *Rua de mão única:* Obras escolhidas volume 2. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BERLINCK, Manoel Tosta; FÉDIDA, Pierre. A clínica da depressão: questões atuais. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. VIII, n. 2, p. 9-25, 2000.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da Modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1986.

BIRMAN, Joel. Dor e sofrimento num mundo sem mediação. *Estados Gerais da Psicanálise*. II Encontro Mundial. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5c_Birman_02230503_port.pdf. Acesso em jan. 2013.

_____. *Mal-estar na atualidade*: psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. Novas subjetivações e o mal-estar na contemporaneidade. Palestra proferida no Programa *Invenção do Contemporâneo*. Campinas: Canal CPFL Cultura, publicado em set/2009. Disponível em: http://www.cpflcultura.com.br/2009/12/01/integra-novas-subjetivacoes-e-o-mal-estar-na-ontemporaneidade-joel-birman/.

_____. O sujeito desejante na contemporaneidade. *Seminário de estudos em análise do discurso*. Porto Alegre, v.2, p. 1-18, 2005.

CAPONI, Sonia. Uma análise epistemológica do diagnóstico de depressão. *Caderno Brasileiro de Saúde Mental*. v.1, n.1, p. 1-8, 2009.

CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 2001

_____. *O espaço urbano*: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venancio Majer. 6.ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CAVALCANTE, Sandra M. *O fenômeno da Intertextualidade em uma Perspectiva cognitiva*. 2009. 140 f. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009.

CERTAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*, artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CORRALES, Luciano. A intertextualidade e suas origens. In: X SEMANA DE LETRAS. 2010. Rio Grande do Sul: Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *Anais*. 2010.

DELOUYA, Daniel. Introdução: depressão, metáfora primitiva da psique. In: FÉDIDA, Pierre. *Depressão*. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

DEL PORTO, José Alberto. Conceito e diagnóstico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 21, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44461999000500003&script=sci_abstract. Acesso em ago. 2014.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DIAS, Fernando Paulo Rosa. "A" dromologia" de Paul Virilio e a arquitectura contemporânea: reflexões sobre a crise da" Polis" e da" Domus". *Arte teoria Lisboa*, Lisboa, n. 7, p. 234-248, 2005.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Novos tipos clínicos na psicanálise dos anos 2010. In: Terezinha de Camargo Viana... et. all. (Org.). *Psicologia clínica e cultura contemporânea*. Brasília: Liber Livros, 2012. p. 227-241.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

_____. Psicanálise: Clínica e pesquisa. In: ALBERTI, S.; ELIA, L. (Org.). *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. P. 19-36.

EHREMBERG, Alain. Depressão, doença da autonomia? Entrevista de Alain Ehrenberg a Michel Botbol. Trad. Regina Herzog. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. VII, n. 1, p. 143-153, 2004.

FAZENDA, Ivani C. A. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*: efetividade ou ideologia. 5.ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1979.

FÉDIDA, Pierre. *Depressão*. Trad. Martha Gambini. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

_____. *Dos benefícios da depressão*: elogio da psicoterapia. Trad. Marta Gambini. São Paulo: Escuta, 2002.

FERREIRA, Darlene. C.; TOURINHO, Emmanuel. Z. Desamparo Aprendido e Incontrolabilidade: Relevância para uma abordagem analítico-comportamental da depressão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 211-219, 2013.

FLEK, Marcelo. P. et al. Revisão das diretrizes da Associação Médica Brasileira para o tratamento da depressão. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 31, p. 7-17, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbp/v31s1/a03v31s1.pdf. Acesso em ago. 2014.

FREUD, Sigmund [1915]. *Luto e Melancolia*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. [1930]. *Mal-estar na* civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. [1921]. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. [1915] *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. [1915] *Sobre a transitoriedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. [1914]. *Sobre o Narcisismo:* uma introdução. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos:* a literatura de segunda mão. Trad. Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

GODARD, Jean-Luc; MICHELIN, André. *Alphaville, une étrange aventure de Lemmy Caution*. Produção de André Michelin, direção de Jean-Luc Godard. França: Athos Films; Chaumiane; Filmstudio, 1965.

GOMES, Renato. A cidade como arena da multiculturalidade. *Revista E-compós*. 1.ed. 2004. Disponível em: http://www.compos.org.br/e-compos.

GONÇALES, Cintia. A.V.; Machado, Ana Lucia. Depressão, o mal do século: de que século? *Revista de Enfermagem da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 298-304, 2007.

GUIZZO, Iazana. *Micropolíticas Urbanas:* uma aposta na cidade expressiva. 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna:* uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. 12.ed.São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. *A produção capitalista do espaço*. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2006.

JAPIASSU, Hilton. *A questão da interdisciplinaridade*. Texto base da palestra proferida no Seminário Internacional sobre Reestruturação Curricular, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, em julho do 1994. Disponível em: http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/interdisciplinaridade-japiassu.pdf. Acesso em: abril/2016.

_____ . *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JARDIM, Sílvia. Depressão e trabalho: ruptura do laço social. *Revista brasileira de Saúde Ocupacional*. São Paulo, n. 36, p.84-92, 2011.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão:* a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LIPOVETSKI, Gilles. *A era do vazio:* ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005.

MADEIRA, Nuno; SANTOS, Tiago; SANTOS, Zulmira; MARQUES, Antonio. R. Isotretinoína, depressão e suicídio. *Revista de Psicanálise Clínica*, v. 39, n. 2, p. 76-77, 2012.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS - DSM-5. *American Psychiatnc Association*. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al. Revisão Técnica Aristides Volpato Cordioli... et al. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MATOS, Ana Cristina S.; OLIVEIRA, Irismar R de. Terapia cognitivo-comportamental da depressão: relato de caso. *Rev. Ciênc. Méd. Biol.*, Salvador, v.12, especial, p.512-519, 2013. Disponível em: http://www.portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/9203/6765. Acesso em ago. 2014.

MATOS, Olgária. Amor e cidade, amor na cidade: Walter Benjamin. In: MAGALHÃES, Maria C. R. (org.). *Na sombra da cidade*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

_____. *Benjaminianas:* cultura capitalista e fetichismo contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

_____. *Contemporaneidades*. São Paulo: Lazuli Editora: Companhia editora nacional, 2009.

MELMAN, Charles. *Alcoolismo, delinquência, toxicomania:* Uma outra forma de gozar. In: CALLIGARIS, C. (Org.). São Paulo: Escuta, 1992.

MINAYO, Maria C. de S. Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. *Emancipação*, Ponta Grossa, v. 10, n.2, p. 435-442, 2010. Disponível em http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao Acesso em: abri/2016.

MIRANDA, Antonio; SIMEÃO, Elmira; MUELLER, Suzana. *Autoria Coletiva, Autoria Ontológica e Intertextualidade na Ciência: Aspectos Interdisciplinares e tecnológicos*. In: IX Congresso Internacional de Humanidades. Santiago de Chile, Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación. 18 a 20 de outubro de 2006. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/12785. Acesso em: Abril/2016.

MONTEIRO, Ana Cristina Cavalcante; LAGE, Ana Maria Vieira. Depressão – uma "psicopatologia" classificada nos manuais de psiquiatria. *Psicologia Ciência e Profissão*. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO. V.27 (1). 2007. P.106-119.

NERUDA, Pablo. *El mar y las campanas.* Buenos Aires: Editorial Losada, 1973

NETO, João Ferreira. Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*. Rio de Janeiro, v. 16, n.1, p. 111-120, 2004.

ONUBR – Nações Unidas do Brasil. Depressão e ansiedade custam US$1 tri por ano à economia global, diz OMS. 2016. Disponível em: https://nacoesunidas.org/depressao-e-ansiedade-custam-us1-tri-por-ano-a-economia-global-diz-oms/. Acesso em: Agosto/2016.

ORGANIZAÇÂO MUNDIAL DA SAÚDE. Depression: a global crisis, World Mental Health Day, October 10 2012; disponível em: http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs369/en/ . Acesso em jan. 2013.

PELBART, Peter Pál. Foucault versus Agamben? *Ecopolítica*. São Paulo, v. 5, jan./abr., p. 50-64, 2013.

PERES, Urania Tourinho. *Depressão e Melancolia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

PRADO, Adélia. Bagagem. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

QUINET, Antônio. A psiquiatria e sua ciência nos discursos da contemporaneidade. In: QUINET, A.(Org.). *Psicanálise e psiquiatria*: controvérsias e convergências. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. P. 13-20.

_____. *A descoberta do inconsciente:* do desejo ao sintoma. 3.ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

RODRIGUES, Maria J. S. Fuentes. O diagnóstico de depressão. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 11, n.1, p. 155-187, 2000.

ROSA, Miriam D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar e subjetividade/Fortaleza*. Fortaleza, p.329-348, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise*? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SAFATLE, Vladimir. *Pós-modernidade: utopia do capitalismo.* Texto adaptado da palestra proferida pelo autor no encontro "Trópico na Pinacoteca" de 28 de agosto de 2004 sobre o tema "Pós-modernidade ou hipermodernidade?" "http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2446,1.shl Acesso em mar. 2010.

SANTOS, Boaventura de S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____ . *Um discurso sobre as ciências*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço:* Técnina e Tempo. Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *O país distorcido*: O Brasil, a Globalização e a Cidadania. São Paulo: Publifoha, 2002.

_____. *Técnica espaço tempo:* Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SARAIVA, Marina Rebeca. Territórios dos sentidos: da emergência dos processos de subjetivação na metrópole contemporânea. *Revista espaço acadêmico*. Maringá, v. 132, ano. XI, 2012.

SILVA, Obdália. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade? *Revista Brasileira de Educação*. v. 13, n. 38, p. 357-414, 2008.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SKJOLDBJAERG, Erik; MILLER, R. Paul. *Geração Prozac*. Direção de Erik Skjodbjaerg, produção de R. Paul Miller. EUA: Miramax Filmes, 2011.

SOARES, Giovana B.; CAPONI, Sonia. Depressão em pauta: um estudo sobre o discurso da mídia no processo de medicalização da vida. *Interface –Comunicação, Saúde, Educação.* São Paulo, v. 15, n. 37, p. 437-446, 2011.

SOLER, Colette. O sujeito, o inconsciente e o tempo. Entrevista com Colette Soler realizada por Dominique Fingermann e Maria Rita Kehl. *A peste*. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 185-194, jan./jun. 2009.

TEIXEIRA, Marco Antônio Rotta. *Das neuroses de transferência às neuroses narcísicas*: contribuições aos fundamentos da teoria freudiana da melancolia. 2012. 395 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis), Assis, 2012.

TIBURI, Marcia. Como conversar com um fascista. *Revista Cult*. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2015/05/como-conversar-com-um-fascista/. Acesso em: dez/2015.

TRINDADE, Laís dos Santos Pinto; Interdisciplinaridade: necessidade, origem e destino; *Sinergia*. São Paulo, v. 4, n. 1, p. 38-43, 2003.

UNRIC – CENTRO REGIONAL DE INFORMAÇÕES DAS NAÇÃOES UNIDAS. *Relatório da ONU mostra população mundial cada vez mais urbanizada, mais de metade vive em zonas urbanizadas ao que se podem juntar 2,5 mil milhões em 2050.* Disponível em: http://www.unric.org/pt/actualidade/31537-relatorio-da-onu-mostra-populacao-mundial-cada-vez-mais-urbanizada-mais-de-metade-vive-em-zonas-urbanizadas-ao-ue-se-podem-juntar-25-mil-milhoes-em-2050. Acesso em: Maio/2016.

VIOLA, Paulinho da. *Sinal Fechado*. Álbum Foi um rio que passou em minha vida. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil, 1970. LP.

VIRILIO, Paul. *El cibermundo, la política de lo peor*. Entrevista com Philippe Petit. Trad. Mônica Poole. Madrid: Teorema, 1997.

_____. *Velocidade e Política*. Trad. Celso Mauro Parcionik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

XAVIER, Karla R. O sintoma social ou sintoma com Marx: um conceito psicanalítico. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ZIZEK, Slavoj. O supereu pós-moderno. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Mais, p. 7-8, dez., 1999.